

ACADEMIA MINEIRA

Patrono: João Pinheiro
CADEIRA N.º 35

Diário de Minas, B. Horizonte, 4-2-1957

JOÃO PINHEIRO — Nasceu João Pinheiro da Silva na cidade do Serro em 16 de dezembro de 1860 e faleceu em Belo Horizonte em 26 de outubro de 1908. Filho de José Pignataro, imigrante italiano que se estabeleceu no Brasil e mudou o sobrenome para Pinheiro, descendia, pela lado paterno, de família ilustre, em cujos ancestrais se encontram figuras de antiga nobreza e dignatários da Igreja. Orfão de pai aos dez anos, pas-

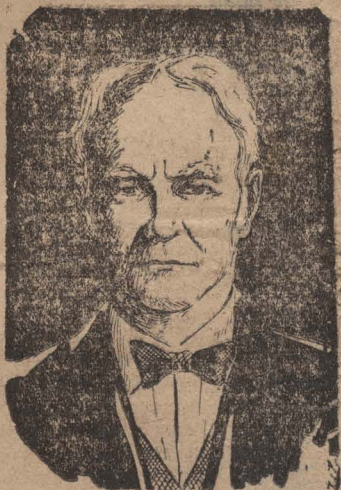


João Pinheiro da Silva

sou a lutar com imensas dificuldades, ao lado de sua mãe e de seu irmão José Pinheiro, que seguiu a carreira eclesiástica. Educado na infância pelo padre João de Santo Antonio, que lhe acompanhou a vida e lhe assistiu os derradeiros momentos, estudou preparatórios em Mariana. Pensou por instantes em seguir a carreira de seu irmão, projeto que abandonou, para se matricular na Escola de Minas, de Ouro Preto, onde, de uma só vez, se submeteu a exames em todas as matérias exigidas. Estava cursando o terceiro ano, quando se decidiu a estudar ciências jurídicas e sociais, em São Paulo, em cuja Faculdade de Direito se matriculou, obtendo, após curso brilhantíssimo, o diploma de advogado. Vindo para Minas, entregou-

se de corpo e alma à propaganda republicana, fundando "O Movimento". Instalada a República, foi secretário de governo de José Cesário de Faria Alvim, então governador. Com a ida deste para ministro no governo de Deodoro, foi nomeado governador de Minas Gerais. Eleito deputado à Constituinte Republicana de 1891, fez parte da comissão dos 21, para a elaboração da Carta Magna. Quando Cesário Alvim, já então governador de Minas, eleito pelo povo, deixou o governo, solidário com ele, retirou-se para Caeté, em voluntário ostracismo, e ali permaneceu durante dez anos. Entregou-se a atividades industriais, fundando uma cerâmica, que ainda hoje existe na tradicional cidade. Solicitado insistentemente por amigos e admiradores, entre os quais o governador Francisco Sales, condeceu em retornar às atividades políticas. Sua volta foi um triunfo. Eleito senador da República, pouco tempo permaneceu no cargo, porque foi, em 1906, eleito presidente do Estado de Minas. Realizava fecunda e admirável administração e seu nome corria de boca em boca como futuro presidente da República, quando veio a falecer sob intensa magua dos mineiros e do Brasil. A beira de seu túmulo em Caeté, pronunciou notável oração o dr. Carlos Peixoto Filho, presidente da Câmara Federal e uma das vozes mais ilustres do tempo. A respeito da personalidade de João Pinheiro, os jornais da época teceram elogios amplos. No Senado Federal, falou o senador Francisco de Sá, que era, como Peixoto Filho, grande orador. Traçou o perfil do estadista em linhas admiráveis, ainda recordadas por muitos com emoção. Nos tempos de estudante, João Pinheiro foi jornalista e professor. Sociólogo, tinha a princípio tendências para a filosofia de Comte. Abandonou-as, para por si próprio modelar os próprios rumos. Orador brilhante, senhor de sínteses magníficas, recolhidas pelo povo com entusiasmo, era a austeridade em pessoa. Amigo imperterrito da ordem, sob todos os carfícios, tinha visão larga dos problemas do País. Um dos fundadores da Faculdade de Direito, incorporada à Universidade de Minas Gerais, aceitou com entusiasmo a idéia de Nelson de Sena para a fundação do Instituto Histórico e Geográfico de Minas, de que foi o primeiro presidente. Todos os escritos de João Pinheiro se acham esparsos pelos jornais. A respeito de sua personalidade, há duas excelentes monografias, firmadas pelo dr. Caio Nelson de Sena e dr. Paulo Tamm. Nome indelevelmente ligado à fundação da República, na condição de republicano histórico autêntico, desinteressado e puro, é uma das grandes figuras de Minas e do Brasil.

SILVA GUIMARÃES — Segundo sucessor na cadeira n.
 Filho do grande romancista Bernardo Guimarães, primo do gran-
 de poeta Alphonsus de Guimaraens, irmão de Bernardo Guima-
 rães Filho e Horácio Guimarães e, ainda, tio de J. Guimarães
 Alves, nasceu Afonso da Silva Guimarães em Ouro Preto em 30
 de abril de 1876 e faleceu em Belo Horizonte em 24 de novem-
 bro de 1955. Fez todos os
 estudos na ex-cápitãl minei-
 ra. Ingressando no funciona-
 lismo federal, foi galgando di-
 versos postos, aposentando-se ao
 cargo de diretor da Delegacia
 Fiscal do Tesouro Federal.
 Herdando as qualidades de
 prosador, que fizeram a glóri-
 a de seu ilustre pai, con-
 seguiu, através de vigoroso
 estilo, que é a marca de sua
 personalidade literária, criar
 modelos de expressão dentro
 do realismo por vezes forte. Nu-
 ma época, em que se busca-
 va a imposição do chamado
 naturalismo, foi além na expo-
 sição de seus quadros literá-
 rios, nos quais, se havia um
 pouco de Zola, não deixaria de
 lado o "processus" balzaqueano.
 Escreveu numerosos contos, mul-
 tos deles enfiados num volume,
 a que deu o título "Ossa Mea",
 livro que foi na época o que se
 diria acontecimento literário.



Silva Guimarães

Publicou depois "Os Borrachos", à feição de Zola, em pinceladas
 fortes. Nem era apenas o prosador elegante, mas também poeta.
 Excelente poeta. Além de uma novela, estava dando remate a um
 volume de poesias, intitulado "Volta de Lua", quando a morte
 o colheu. A' beira de seu túmulo, no dia dos funerais, pronunciou
 sentida oração acadêmico Heij Menegale. Augusto de Lima Ju-
 nior, na sessão em homenagem ao acadêmico, traçou o panega-
 rico do prosador e do poeta, revelando a estima em que o tinha
 o grande poeta Augusto de Lima. De estatura alta, olhar sereno,
 Silva Guimarães fora bem a figura representativa de uma épo-
 ca doirada, maravilhosa, de cultura mineira. Morreu como sem-
 pre vivera: em honrada e dignificadora pobreza.